

A aforização proverbial e o negro

(The proverbial aphorization and the black people)

Roberto Leiser Baronas¹

¹Departamento de Letras – Programa de Pós-Graduação em Linguística –
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; Mestrado em Estudos da Linguagem –
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e CNPq

baronas@ufscar.br; baronas@uol.com.br

Abstract: In this article, we take as object of reflection the proverbial enunciations about black people. We will get support in the French Discourse Analysis, specifically in the works by Dominique Maingueneau (2006a, 2006b, 2008, 2010, 2011 and 2012) about proverbial enunciations, aphoristic enunciation and polyphony. Initially, we will use proverbs collected by Antonio Delicate as *corpus*. The proverbs were collected from his work called *Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns*. Secondly, we will use the proverbs listed by Jose Perez in his book *Provérbios Brasileiros*, and, finally, we will analyze some paraphrases of the proverbs in the current media texts. Our main hypothesis is that those proverbs work by (re)taking the voice of a hyperenunciator, which has a sententious *ethos* and, by his saying and dictum, states the infamous character of the black people.

Keywords: discourse; proverbial enunciations; hyperenunciator; part-quotations; aphoristic enunciation

Resumo: Tomamos como objeto de reflexão neste artigo as enunciações proverbiais sobre o negro. Apoiar-nos-emos na Análise de Discurso, especificamente nos trabalhos de Dominique Maingueneau (2006a, 2006b, 2008, 2010, 2011, 2012) sobre enunciação proverbial e polifonia e enunciação aforizante. Como *corpus* frequentamos, inicialmente, os provérbios coletados por Antonio Delicado (1651), em sua obra *Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns*, num segundo momento, os listados por José Pérez (1992) em seu livro *Provérbios Brasileiros* e, por último, alguns destacamentos das paráfrases desses provérbios em textos atuais da mídia. Nossa principal hipótese de trabalho é a de que tais provérbios funcionam (re)tomando a voz de um hiperenunciador, que tem um *ethos* sentencioso e que, por seu dizer e dito, afirmam o caráter ignominioso do negro.

Palavras-chave: discurso; enunciação proverbial; hiperenunciador; particitação; enunciação aforizante.

Primeiras palavras...

Tomamos como objeto de reflexão discursiva neste artigo as enunciações proverbiais¹ sobre o negro, tais como: “Negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro”; “Negro furtou é ladrão, branco furtou é barão” e “Negro quando não suja na entrada, suja na saída”. Enunciações que sempre dão a circular o negro com base em valores disfóricos. Apoiar-nos-emos teórico-metodologicamente na Análise de Discurso de orientação

¹ A paremiologia tem se dedicado exaustivamente à compreensão dos provérbios como um objeto linguístico que diz não só das estruturas das línguas, pelo fato de ser uma lexia cristalizada, que não se deixa analisar elementos menores do que a frase, mas, sobretudo por falar da cultura e da história dos seus povos. Entendemos, todavia, que os provérbios, por conta da polifonia que o orchestra, devem ser tratados enquanto enunciações em que a voz do locutor se mistura às vozes, que produzidas antes e alhures, (re)dizem o mesmo adágio.

francesa, especificamente nos trabalhos de Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2010, 2011 e 2012) sobre enunciação proverbial e polifonia, enunciação aforizante e sobre as noções de hiperenunciador e de particitação. Como *corpus* frequentamos, de forma não exaustiva, num primeiro momento, os provérbios coletados por Antonio Delicado, em sua obra *Adágios portugueses reduzidos a lugares comuns*, Lisboa, Oficina de Domingos Lopes Rosa, publicado em 1651 e, num segundo momento, os listados por José Pérez em seu livro *Provérbios Brasileiros*, publicado pela Ediouro em 1992 e, por último, alguns destacamentos desses provérbios em textos atuais da mídia. Nossa principal hipótese de trabalho é a de que os provérbios sobre negros embora sejam lexias cristalizadas, cujo sentido é apreendido somente na totalidade dos elementos linguísticos que o compõem, funcionam discursivamente retomando a voz de um hiperenunciador, uma instância enunciativa transcendente, que tem um *ethos* sentencioso e que, por seu dizer e dito, *monofonicamente* constituídos, reitera o caráter ignominioso do negro.

Um pouco de teoria: as frases sem texto...

Em seus estudos sobre as frases que não se deixam, apreender na ordem do texto,² entre outras questões, Dominique Maingueneau (2008, 2010, 2012) defende que, poucas pessoas hoje em dia contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica sobre a qual se debruça o linguista: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos. O texto é, com efeito, a contraparte do gênero do discurso, que é o quadro de toda a comunicação pensável. O estudioso do discurso mobiliza o termo “gênero do discurso” para atividades como registrar o nascimento, o debate televisivo, o sermão, entre outros.

Um problema se põe, no entanto, quando é preciso tratar de enunciados curtos que se apresentam fora do texto, geralmente constituídos de uma única frase. Dominique Maingueneau (2008, 2010, 2012) chama essas pequenas frases de “enunciados destacados”. Eles são de tipos muito diversos: slogans, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa, intertítulos, citações célebres, etc. Para o linguista francês, entretanto, devem-se distinguir duas classes bem diferentes, segundo o seu “destacamento”: “1) é constitutivo: é o caso em particular das fórmulas (provérbios, slogans, divisas) que por sua própria natureza são independentes de um texto particular; 2) ou resulta da extração de um fragmento de texto: encontra-se em uma lógica de citação”. Dito de outro modo, os primeiros pela sua própria constituição linguístico-semiótica, o que lhes confere um *status* de autonomia, se apresentam como candidatos ideais ao destacamento. Já os segundos, embora, formalmente menos suscetíveis ao destacamento, isto é, mais dependentes de um determinado texto, sofrem um processo de extração, o que abre a possibilidade de saída do texto, dessa forma colocando em tensão a própria dinâmica integrativa do texto. Nesse caso, segundo Maingueneau (2012, p. 13), não se pode falar em citação, trata-se unicamente de uma colocação em relevo de um fragmento em relação ao restante do texto. Uma operação que o teórico francês denomina *sobreasseveração*:

En règle générale, une séquence “surassertée” est relativement brève, donc mémorisable, et elle constitue une prise de position de l’énonciateur sur un point débattu. Elle peut être marquée de diverses façons:

2 MAINGUENEAU, D. *Les phrases sans texte*, Paris: Armand Colin, 2012.

Par une position saillante, surtout l'incipit ou la clause d'une unité textuelle (à l'écrit : paragraphe, section, chapitre...);

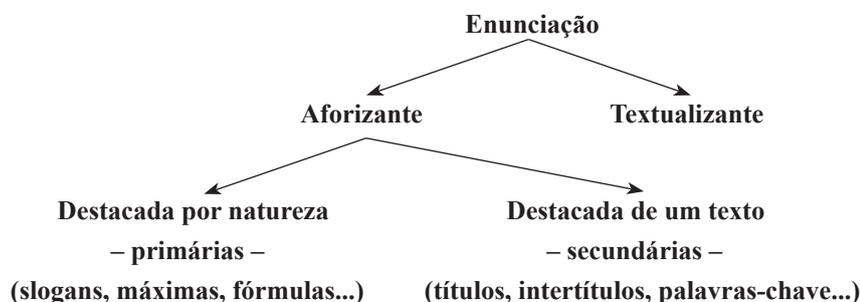
Par une valeur généralisante ou générique;

Par une structuration prégnante de son signifiant (symétrie, syllepse...) et/ou de son signifié (métaphore, chiasme...);

Par le métadiscours: en particulier à l'aide de reprises catégorisantes ("cette vérité essentielle...") ou de connecteurs de reformulation ("en d'autres termes", "enfin", "disons que..."). (MAINGUENEAU, 2012, p. 13)

Sobreasseverar é no entendimento de Maingueneau produzir toda uma operação de antecipação de um possível destacamento. Trata-se, em última instância, de dar notoriedade aos excertos textuais que os locutores *gostariam* de ver retomados nas falas de outros locutores. Essa operação, todavia, não se apresenta sempre da mesma maneira. Ela pode se dar mais próxima ou mais distante da fala inicial do locutor. No primeiro caso, quando a retomada está próxima da fala inicial, temos uma sobreasseveração fraca. No segundo, quando a retomada bastante distante da fala inicial, temos uma sobreasseveração forte.

No entendimento do teórico do discurso, as divergências entre o enunciado fonte e o enunciado destacado são reveladoras de um estatuto pragmático específico para os enunciados destacados. Esses últimos revelam, com efeito, um regime de enunciação que Maingueneau propõe chamar "enunciação aforizante". Entre uma "aforização"³ e um texto não existe uma diferença de tamanho, de forma, de sistematicidade linguística, mas de ordem enunciativa, isto é, as duas ordens não coincidem. O esquema vetorial a seguir exemplifica as duas ordens discursivas – aforizante e textualizante - propostas por Maingueneau (2010):



Para Maingueneau a enunciação se organiza em duas ordens do enunciável: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante. Esta última, por sua vez, se organiza em enunciação aforizante destacada por natureza e enunciação aforizante destacada de um texto. No entendimento de Dominique Maingueneau, por meio da aforização o locutor se coloca além dos limites específicos de um determinado gênero do discurso:

O « aforizador » assume o *ethos* do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente, ele não se endereça a um interlocutor colocado no mesmo

3 Para Maingueneau (2012, p. 23) "le choix de ce terme n'est cependant pas totalement satisfaisant : en grec ancien, *aphorizo* est en effet une opération de détermination, et *aphorisma* une définition. Nous préférons nous appuyer sur l'usage contemporain qui voit dans l'aphorisme « une phrase d'allure sentencieuse, qui résume en quelques mots une vérité fondamentale ». (*Grand Larousse de la langue française*). Avec cette différence néanmoins que l'aphorisation telle que nous l'entendons n'est nullement réservée aux énoncés sentencieux, mais s'applique à l'ensemble des phrases sans texte."

plano que ele e que pode responder, mas a um auditório universal. Ele é instado a enunciar a sua verdade, que prescinde de toda a negociação, exprimindo uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma certa concepção de existência. Por intermédio da aforização vemos coincidir *sujeito da enunciação* e *Sujeito* no sentido *jurídico e moral*: alguém que se coloca como responsável, afirmando valores e princípios diante do mundo, se endereçando a uma comunidade para além dos locutores empíricos que são seus destinatários. (MAINGUENEAU, 2010, p. 14)

Este, no entanto, é, para Maingueneau, o ponto central do problema, “o aforizador não é um locutor, o suporte da enunciação, mas uma consequência do destacamento”, isto é, não se trata apenas de outra instância enunciativa, distinta tanto da do locutor/alocutário quanto da do enunciador/enunciatário. Trata-se da constituição de um dizer que entra em contato com uma Fonte Transcendente. Desse modo, quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, um título de uma matéria na imprensa, por exemplo, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador.

A enunciação aforizante não resulta necessariamente do destacamento de um contexto e de uma inserção em outro texto. Ao lado das aforizações destacadas “secundárias”, existe todo um conjunto de enunciações “primárias” (adágios, divisas, máximas, slogans, provérbios). As secundárias devem necessariamente estar inscritas em um contexto fonte e um contexto de *acolhimento*. O *écart* entre os dois contextos é que alimenta os comentários que colocam em evidência o destacamento dessas enunciações. As primárias, por sua vez, são desprovidas de um contexto fonte e *leur sens est une sorte d'instruction sur leurs conditions d'emploi: il délimite a priori le type de contexte dans lesquels on peut les employer, même si c'est évidemment au locuteur qu'il revient de décider si les conditions pour leur emploi sont satisfaites* (MAINGUENEAU, 2012, p. 22).

No entendimento de Maingueneau, os provérbios são enunciações aforizantes primárias. Neste caso não há um Sujeito particular que está na fonte do ponto de vista expresso na enunciação, mas o locutor ganha autoridade porque põe em cena na sua fala, uma instância enunciativa denominada hiperenunciador com que o enunciador mostra estar de acordo.

Ao analisar textos “sem autor” como as particitações sentenciosas (a enunciação proverbial, o adágio jurídico), as particitações gráficas (as citações conhecidas, a participação humanista, o *thesaurus* bíblico), as particitações de grupo (as particitações militantes [o slogan, o grito da torcida]) e as particitações de comunhão (orações, participação com intérprete), entre outros, Dominique Maingueneau procura evidenciar que nesses textos é possível constatar, além dos “locutores empíricos, os indivíduos que compõem o grupo e, do ator coletivo do qual esses locutores empíricos participam: um partido, um conjunto de manifestantes, uma associação”, a presença de um terceiro nível de enunciação o qual o teórico francês denomina hiperenunciador. Trata-se de uma instância enunciativa que “funda os diversos pontos de vista expressos por esse ator: “a Esquerda”, “a Nação”, “o Clube”, etc.”. Desse modo, “enquanto [o ator coletivo] tem por referentes grupos de locutores que formam uma organização em um momento e lugar determinados, [o hiperenunciador] tem por referentes entidades de alguma forma transcendentais” que em última instância é quem validam as enunciações.

O autor distingue dois tipos de hiperenunciador: o “individuado” e o “genérico”. Quando o hiperenunciador é individuado (Deus, por exemplo) ou quando se trata de

um tipo de um Sujeito Universal dóxico (provérbios, adágios...), pode-se lhe atribuir a responsabilidade de conteúdos proposicionais. Entretanto, com um hiperenunciador individuado, a explicitação desses conteúdos deve passar por uma hermenêutica mais ou menos codificada: o que Deus nos quer dizer com isso? Por outro lado, quando não se trata de um hiperenunciador individuado e sim dóxico (*corpus* humanista, contos populares, orações...), a situação é mais delicada. Trata-se, nesse caso, mais de uma instância responsável por uma memória do que uma consciência propriamente dita. Certamente, fala-se comumente de “espírito” de um grupo, mas trata-se de um *ethos* mais ou menos especificado, não de conteúdos proposicionais. No limite, isso pode ser uma identidade sem propriedades semânticas especificadas: particitar um verso de um poeta célebre, por exemplo, corresponde a mobilizar uma instância de hiperenunciação inominável, aquela que dá sustentação ao patrimônio artístico, cultural de uma comunidade.

Na participação, diferentemente da citação tradicional na qual um enunciador mobiliza a fala de um outro quer seja para corroborar com a sua argumentação ou para localizar e manter as palavras desse outro à distância, o enunciador cita um discurso que não pertence a um autor em específico, mas a uma espécie de *thesaurus* de uma determinada comunidade com o objetivo de buscar o seu pertencimento a essa comunidade. Assim, para validar o seu discurso o enunciador recorre a um hiperenunciador: uma instância enunciativa que tem por referente entidades transcendentais. Nas palavras de Maingueneau (2008, p. 94):

O enunciado “citado” é um enunciado autônomo, porque ele já o é originalmente ou porque ele foi previamente autonomizado mediante sua extração de um texto.

Essa citação deve ser reconhecida como tal pelos alocutários, sem que o locutor que a cita indique sua fonte e nem mesmo deixe claro que ele efetua uma citação por intermédio de um verbo *dicendi* introdutor, de um inciso, etc. A propriedade de citação é marcada apenas por um deslocamento interno à enunciação, que pode ser de natureza gráfica, fonética, paralinguística. O enunciado citado é apresentado em seu significante, dentro de uma lógica de discurso direto, mas levada ao extremo: não se trata apenas de simular – como geralmente ocorre no discurso direto –, mas de restituir o próprio significante. Contudo, essa restituição pode aceitar uma dose de variação, como frequentemente se mostrou para formas ainda que comumente consideradas cristalizadas, os provérbios. A restituição do significante é evidentemente associada ao fato de que não há indicação da fonte da fala citada.

O locutor que cita mostra sua adesão ao enunciado citado, que pertence àquilo que se poderia denominar um *Thesaurus* de enunciados de contornos mais ou menos fluidos, indissociável de uma comunidade onde circulam esses enunciados e que, precisamente, se define de maneira privilegiada por compartilhar tal *Thesaurus*. Por sua enunciação, o locutor que cita pressupõe pragmaticamente que ele mesmo e seu alocutário são membros dessa comunidade, que eles são arrebatados em uma relação de tipo especular: o locutor cita aquilo que poderia/deveria ser dito pelo alocutário e, mais amplamente, por todo membro da comunidade que age de maneira plenamente conforme a esse pertencimento.

Esse *Thesaurus* e a comunidade correspondente recorrem a um *hiperenunciador* cuja autoridade garante menos a verdade do enunciado – no sentido estreito de uma adequação à um estado de coisas do mundo –, e mais amplamente sua “validade”, sua adequação aos valores, aos fundamentos de uma coletividade. (MAINGUENEAU, 2008, p. 93)

Para dar conta desse sistema de participação, Dominique Maingueneau evoca um conjunto de ocorrências de citações “sem autor”, certamente bem conhecidas em sua

essência, mas que não foram tratadas conjuntamente. Assim, ao enunciar um provérbio sem nenhuma marca que o identifique como tal, o locutor põe o leitor na posição de um membro da comunidade que partilha o mesmo thesaurus. Por sua vez, mostrando-se capaz de reconhecer essa frase como um provérbio, o leitor mostra que pertence mesmo a essa comunidade, que os dois parceiros de interação se reconhecem num mesmo hipereunciador. (MAINGUENEAU, 2011, p. 45)

Considerações sobre o *corpus*: provérbios sobre negros...

Frequentamos inicialmente provérbios sobre negros que estão no exemplar original do livro do *lecenciado* prior Antonio Delicado, *Adagios portugueses reduzidos a lugares communs*,⁴ Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651. A obra recolhe cerca de 4000 provérbios, “*reduzidos a lugares communs*”, isto é, agrupados em capítulos. Num segundo momento, mobilizamos os provérbios coligidos por José Pérez em seu livro *Provérbios Brasileiros*, publicado pela Ediouro em 1992 e, por último, alguns destaques desses provérbios em textos atuais da mídia. Seleccionamos 05 provérbios do livro de Antônio Delicado, 10 do livro de José Perez e 01 texto da mídia jornalística. Cumpre destacar por um lado que a opção pelos livros de provérbios tem a ver com o fato de que se constituem em ferramentas que não apenas instrumentam as línguas, fornecendo aos leitores listas de lexias cristalizadas, mas trazem à tona a história e a cultura de um determinado povo. E, por outro, a opção pelo texto da mídia tem objetivo de evidenciar como o provérbio circula contemporaneamente em diferentes suportes.

Os provérbios do livro de Antônio Delicado:

- 1) Inda que somos Negros, gente somos e alma temos;
- 2) Boa fazenda (riqueza) é negros, se nam custassem dinheiro;
- 3) Negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro;
- 4) Sobre negregura, nam há hi (aí) tintura;
- 5) Ao bom cavallo espora e ao bom escravo açoute.

Os provérbios do livro de José Perez:

- 1) Negro furtou é ladrão, branco furtou é barão;
- 2) Negro não casa, ajunta;
- 3) Negro não nasce vem a furo;
- 4) Negro não acompanha procissão, corre atrás dela;
- 5) Negro na festa, pau na testa;
- 6) Negro furta e branco acha;
- 7) Negro em festa de branco é o último que come e o primeiro que apanha;
- 8) Negro quando não suja na entrada suja na saída;
- 9) Negro só parece com gente quando fala escondido;
- 10) Negro sabido negro atrevido.

4 Esse livro faz parte do acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade em São Paulo – SP.

Os provérbios sobre negros, como qualquer outro provérbio, constituem-se em lexias cristalizadas, isto é, são estruturas linguísticas que, para a apreensão de seu sentido, não se deixam decompor em elementos mínimos. Além disso, como qualquer outro provérbio, eles condensam uma verdade inquestionável acerca da história e da cultura de um determinado povo. Conforme aponta Antônio Delicado, em seu breve prefácio: “os adágios são as mais aprovadas sentenças que a experiência achou nas acções humanas, ditas em breves e elegantes palavras, um tesouro não só de sabedoria moral, mas também de todas as artes & sciencias”. Esse tesouro da sabedoria moral, das artes e da ciência em forma de verdade condensada circula de geração em geração com objetivo de reforçar os elos de pertencimento dos indivíduos a sua comunidade.

O negro como qualquer outra categoria social recortada pelas representações coletivas, assim como a mulher, o judeu, o árabe, o indígena é afetada pela doxa: um conjunto de propriedades, valores estereotípicos: ele é medroso; é ladrão; merece ser castigado; é inferior em relação aos brancos... Enfim, possui características ignominiosas. Diferentemente das mulheres em que é possível recuperar ainda alguns traços estereotípicos “positivos”, por exemplo, “Mulher bela, doce veneno”, uma vez que nesse caso, temos uma primeira parte do enunciado que se dá a partir de um valor eufórico: “mulher bela”. Voz essa que é orientada por um verbo de ligação implícito, (é), produzindo uma equivalência que afirma ser a “mulher bela” um “doce veneno”. A adjetivação do “veneno” como “doce” atenua o valor disfórico da mulher. São vozes que mantêm uma certa relação de equivalência.

Todavia, em relação aos negros, todos os traços são de caráter degenerativo, por exemplo, “Negro não nasce: vem a furo”. Todas as vozes que constituem o enunciado são disfóricas. Nesse caso, a primeira voz por meio do advérbio de negação diferencia negativamente o negro em relação aos outros indivíduos: “negro não nasce” e, a segunda voz, orientada por um marcador explicativo implícito “pois” apresenta uma explicação/confirmação para essa diferenciação negativa do negro: (pois) “vem a furo”, isto é, “negro não é parido é cagado”. Em termos argumentativos, enquanto alguns provérbios sobre mulheres seguem uma estrutura $P = Q$, os enunciados proverbiais sobre os negros seguem uma estrutura P pois Q . São vozes que se reforçam mutuamente. Mesmo quando os provérbios sobre negros seguem uma estrutura $P = Q$, como é caso do “Negro sabido negro atrevido” em que a primeira parte do enunciado qualifica positivamente o negro: “negro sabido”, a segunda, por meio de um verbo de ligação implícito (é), orienta para um valor disfórico dessa qualificação: “negro sabido” (é) “negro atrevido”.

Ou ainda quando os provérbios sobre negros seguem uma estrutura P mas Q , como é caso de alguns provérbios sobre mulheres “É uma mulher, *mas* ela não tagarela com suas vizinhas”,⁵ embora seja possível recuperar o estereótipo subjacente de que as mulheres são faladeiras, pelo funcionamento do operador “mas” há uma reorientação de sentido introduzindo uma contra-argumentação indireta, na qual “dentre as mulheres há uma não tagarela”. Entretanto, nas enunciações sobre negros “Negro furtou é ladrão, branco furtou é barão”, por exemplo, o operador “mas” implícito reforça o estereótipo de que o negro é ladrão, ou seja, a segunda parte do enunciado, orientada pelo “mas” implícito, que *a priori* deveria se constituir numa contra-argumentação, ao estabelecer uma comparação entre brancos e negros se apresenta, no entanto, como um reforço da

5 Provérbio retirado do artigo de Dominique Maingueneau. A aforização proverbial e a mulher. In: MOTTA, A. R. M.; SALGADO, L. S. *Fórmulas discursivas*. São Paulo: SP, Contexto, 2011. p.41

argumentação anterior. Se nos provérbios sobre mulheres que seguem a estrutura *P mas Q* em que *P* se apresenta como argumento para *não R* e *Q* argumento para *R*, nos provérbios sobre negros o *P* e o *Q* se apresentam como argumentos para *não R*.

A análise do funcionamento argumentativo dos provérbios sobre negros mostra que a polifonia que os constitui é na verdade uma *monofonia*, isto é, tanto a primeira quanto a segunda voz que se apresentam nessas enunciações proverbiais dizem o negro disforicamente. Esse dizer disfórico sobre o negro se dá a partir da mobilização de um hiperenunciador que tem um *ethos* sentencioso, que por seu dizer e dito, assevera que o “negro não é gente”. Os provérbios analisados e representados metonimicamente pelo enunciado “Negro só parece com gente quando fala escondido” e o texto a seguir de Elaine Granconato, publicado em 05/04/2012, no Diário do Grande ABC, corroboram com a nossa hipótese de trabalho:

Político de Santo André é preso por crime de racismo contra GCM

O vice-presidente do PSDC de Santo André, Adriano Giovanni Pieroni, 47 anos, está preso na cadeia pública de São Caetano desde a madrugada de terça-feira. O político foi indiciado por crimes de injúria racial e desacato, após acusação de ter chamado o guarda-civil municipal Jucélio Marciano da Silva, 38 anos, de “preto e macaco”. Na delegacia, Pieroni negou o crime.

O incidente ocorreu em frente ao velório municipal, pertencente ao Hospital São Caetano, na região central da cidade. Ali, além de Jucélio, outros dois guardas-civis faziam o patrulhamento do local - três pessoas estavam sendo veladas e o movimento era intenso. Entre elas, Eduardo Augusto de Rezende, 47, de São Caetano, primo de Pieroni, morto com vários tiros no rosto - o assassinato está sendo investigado pelo 95º Distrito Policial de São Paulo, localizado no bairro Heliópolis.

Ao retornar da padaria e ter se deparado com os guardas, Pieroni teria se revoltado. “Vocês ficam aqui na frente do velório fazendo nada. Vão prender ladrão, seus m...”, teria dito o político, conforme declaração registrada no boletim de ocorrência.

Na sequência, teria agredido verbalmente a vítima por ser negra. “Além de palavras de baixo calão, ele disse que ‘preto não é gente’ e me perguntou se eu ‘queria banana’. Sem truculência, dei voz de prisão e fomos para o 1º Distrito Policial da cidade”, contou Jucélio, há dez anos na corporação e pai de três filhos.

No depoimento prestado na delegacia, o político de Santo André admitiu ter bebido duas doses de vodka e uma cerveja, e comido um sanduíche, em padaria próxima ao velório, antes de passar pela viatura estacionada da GCM e iniciar a discussão. O indiciado, segundo o boletim de ocorrência, estaria embriagado, com fala desconexa e andar cambaleante - Pieroni fez exames de sangue para medir o teor de álcool e de corpo de delito para averiguar se havia marca de agressão, conforme alegou ter sofrido.

O titular do 1º Distrito Policial de São Caetano, Francisco José Alves Cardoso, disse que a conduta do indiciado foi típica de quem comete esse tipo de crime. “A postura dele, ainda, foi bastante aviltante. Uma espécie de exploração de prestígio, ao afirmar que era ‘deputado federal e ‘ex-policial da Rota’, o que não se confirmou”, disse.

Se condenado pelos dois crimes, o dirigente partidário poderá pegar até cinco anos de prisão - neste caso, não é afiançável. O TJ (Tribunal de Justiça) não conseguiu confirmar se pedido de liberdade provisória foi protocolada no Fórum de São Caetano. A Secretaria de Segurança Pública do Estado não respondeu ontem se o político pertenceu à Rota nem o motivo do assassinato do primo.

No excerto em análise, o locutor ao particitar que “preto não é gente” recorre interdiscursivamente a um hiperenunciador, a um sujeito universal, constituído alhures, que faz parte do *thesaurus* cultural da comunidade que comunga com o valor disfórico acerca dos negros. Em outras palavras, o texto em questão mostra que os provérbios sobre negros têm em sua base interdiscursiva a aforização de que “o negro não é gente”. Diferentemente dos provérbios sobre mulheres em que é possível observar certa tensão entre as diferentes vozes que os constituem: esposa *vs.* sedutora; verdadeira *vs.* enganadora, as vozes que constituem os provérbios sobre os negros, mesmo quando se apresentam como é caso de “Inda que somos Negros, gente somos e alma temos”, no qual a primeira parte do enunciado retoma um pré-construído disfórico e, a segunda parte, valores eufóricos, vão sempre na direção de reforçar a aforização degenerativa do negro.

Algumas breves conclusões...

Mesmo em tempos de radicalização do politicamente correto,⁶ num contexto jurídico e social em que poucos têm coragem de se dizer racistas, os provérbios sobre negros são bastante numerosos e, além disso, proliferam. O mesmo não acontece, por exemplo, com provérbios sobre brancos. No livro de Antônio de Delicado, publicado em 1651, num universo de 4000 provérbios, encontramos 05 provérbios sobre negros. No dicionário de José Pérez, publicado em 1992, num universo de 2600 provérbios encontramos mais de 50 enunciados sobre negros. Esse dado estatístico mostra por um lado que os provérbios sobre negros não fazem parte somente da sabedoria da nação brasileira, mas também da dos portugueses e, por outro, que esse tipo de enunciação além de ter aumentado bastante, está muito viva na contemporaneidade. Outro dado que comprova a proliferação e a vivacidade de manifestações preconceituosas sobre o negro, além do texto midiático analisado neste artigo, pôde ser vista recentemente na Eurocopa, no jogo Espanha e Itália, quando o jogador da seleção italiana de futebol, de ascendência ganesa, Mario Balotelli, foi vítima de racismo. Toda vez que o atleta tocava na bola, torcedores espanhóis provocavam o jogador com imitações de barulhos de macacos.

Nos provérbios sobre negros, as vozes que os sustentam discursivamente não estão numa relação polêmica como é possível perceber nas enunciações proverbiais sobre as mulheres. Essas vozes, monofonicamente mobilizadas, estão, na verdade, se reforçando mutuamente, dizendo os negros de maneira disfórica. Em termos mais discursivos, asseveramos que as manifestações proverbiais racistas sobre o negro têm uma espécie de “permissão” de circulação em diferentes gêneros e suportes, pois se apóiam na voz de um hiperenunciador, uma instância enunciativa transcendente, fundada alhures, que tem

6 Um bom exemplo desta radicalização do politicamente correto é o fato de o Ministério Público Federal (MPF) em fevereiro último ter entrado com ação na Justiça Federal em Uberlândia (MG) pedindo que seja retirado de circulação o dicionário Houaiss, um dos mais conceituados no Brasil. De acordo com o MPF, o dicionário promove preconceito contra a comunidade cigana, uma vez que, entre outras definições, trata “cigano” como “aquele que trapaceia, velhaco”. A questão teve início em 2009, quando a Procuradoria da República recebeu representação de um cidadão de origem cigana representando contra o suposto preconceito contra a etnia expresso nos verbetes de dicionários brasileiros. Segundo o MPF, diversos ofícios e recomendações foram remetidos às editoras responsáveis, pedindo alteração nos verbetes. Segundo o MPF, diversos ofícios e recomendações foram remetidos às editoras responsáveis, pedindo alteração nos verbetes. As editoras Globo e Melhoramentos atenderam a solicitação, mas a Editora Objetiva, responsável pelo Houaiss, alegou que não podia fazer a mudança, uma vez que seria apenas detentora dos direitos de publicação – os direitos editoriais pertencem ao Instituto Antônio Houaiss.

um *ethos* sentencioso e que, por seu dizer e dito, *monofonicamente* constituídos, reitera o caráter ignominioso do negro. É esse hiperenunciador, legitimado a cada participação racista, que garante para além e aquém do politicamente correto a perpetuação e a proliferação do preconceito contra os negros.

REFERÊNCIAS

DELICADO, A. *Adagios portugueses reduzidos a lugares comuns*, Lisboa, Oficina de Domingos Lopes Rosa, 1651. 420p

GRANCONATO, E. Político de Santo André é preso por crime de racismo contra GCM, publicado em 05/04/2012, no Diário do Grande ABC.

MAINGUENEAU, D. Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation. In: BONHOMME, M. ; LUGRIN, G. (Éds.). *Interdiscours et intertextualité dans les médias*. Travaux Neuchâtelois de Linguistique, n. 44, septembre 2006a. p. 09-25.

_____. De la surassertion à l'aphorisation. In : LOPEZ-MUNOZ, Juan Manuel ; MARNETTE ; Sophie ; ROSIER, Laurence (Dir.). *Dans la jungle des discours: genres de discours et discours rapporté*, Actes du colloque Ci-Dit 2004. Cadix : Presses de l'Université de Cadix, 2006b.

_____. Citação e destacabilidade. In: _____. *Cenas da enunciação*. (Org.) Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2007.

_____. Aforização: enunciados sem texto? In: _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2010a. p.9-24

_____. *Aphorisations politiques, médias et circulation des énoncés*. 2010b. (no prelo)

_____. A aforização proverbial e a mulher. In: MOTTA, A. R. M.; SALGADO, L. S. *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41-53.

_____. *Les phrases sans texte*, Paris: Armand Colin, 2012.

PÉREZ, J. *Provérbios brasileiros*. São Paulo: Ediouro, 1992.